LÍNGUA PORTUGUESA– TÓPICO: SIMBOLISMO NO BRASIL

TEXTO 1

Cruz e Souza, inquietude e presença

Gilfrancisco[1]

Cronologicamente é o maior dos nossos grandes poetas simbolista. Negro filho de escravos teve educação esmerada proporcionada pelos antigos donos de seus pais. Dedicou-se ao magistério, ao jornalismo, à literatura e à causa abolicionista, mas teve uma vida trágica; a esposa enlouqueceu, três filhos morreram tuberculosos, ele próprio acabou tísico, completando o ciclo da privação e da desgraça. Este poeta negro de luminoso rastro, mergulhado no imenso desconhecido, alma angustiada e presa a soluçar nas trevas, permanentemente em busca de essência das coisas, nos deixou uma obra agônica como sua própria vida.

O termo simbolismo foi empregado pela primeira vez no manifesto de Jean Moréas, publicado em Paris no Le Figaro Litteraire em 18 de setembro de 1886, na busca de uma nova poesia, francamente antiparnasiana, liderada principalmente pelos poetas Verlaine, Mallarmé, Rimbaud e Claudel. O simbolismo afirma-se entre 1890/1915, como um movimento de caráter poético nitidamente antipositivista, aproveitando como teoria formal toda uma imagística de símbolo, a caminhar na direção de vacuidades musicais, plásticas, religiosas e metafísicas. Os novos poetas do final do século XIX lideravam uma revolução (temática e formal) que se opunham quase todos os aspectos da tradição que começava a dominar a Europa. O movimento simbolista trouxe novidades importantes como: a descoberta do subconsciente e do inconsciente; a reabilitação artística da fantasia e a redescoberta do sentido lírico da realidade. A descoberta do subconsciente e do inconsciente abriu à intuição poética os abismos nebulosos em que se agitam os fatos mais misteriosos e as forças mais profundas da personalidade; e sondagem desses abismos, realizada em nossa literatura principalmente por Cruz e Souza, Augusto dos anjos e Alphonsus de Guimarães, revelou uma estranha e desconcertante psicologia humana.

Este movimento não nos deu apenas sentidos e dimensões novas do mundo interior e do mundo supra real, deu-nos também um sentido diferente da realidade objetiva. Procurou expressar a poesia no conteúdo e correspondeu profunda renovação formal, além de descobrirem que as palavras não têm apenas sentido semântico e sim sentido mais complexo e profundo, pois tem em nós um poder de desencadear todo um estado psicológico, estados emocionais: morais e mentais. Contudo o Simbolismo não fugiu de apresentar a inevitável contradição entre a mensagem contida nas obras e a doutrina como tinha sido elaborada e defendida, quer pelos próprios partidários do movimento, quer por críticos coevos.

Em busca de todas as novidades sugeridas pelo novo movimento artístico e espiritual, empenhado na renovação total da poesia, Cruz e Souza luminoso, musical, introspectivo e social, viajando num mundo de luzes e sombras, delineia impressões, sugere sensações e emoções profundas, ultrapassando o lirismo amoroso e épico que tanto marcou o romantismo. Embora trilhando outra configuração estética, voltada para outras preocupações, os simbolistas mantiveram muitos elementos de versificação dos poetas parnasianos. Como também, fascinado pelo mistério e pelo caráter fluídico dos seres e das coisas, aprofundaram o universo das sugestões, da ambiguidade, da abstração mística e do sentimento sensorial do mundo, criando um universo vocabular próprio. Voltando para o onírico, o lactescente, as brumas, o luminoso, o errante, o soluçante e o encantatório transcendente.

Este é o caso de Cruz e Souza, que recebeu muitas influências em sua formação, convivendo com a poesia parnasiana não só de europeus (Eugênio de Castro e Antônio Nobel), como também de brasileiros (Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac). Desta forma, o poeta do Desterro deu a cada poema o devido cuidado aos seus elementos constituintes, tais como o esmero das rimas, da métrica e o tratamento da palavra poética, com a utilização de certos vocábulos bastante usados pelos parnasianos. A arte poética de Cruz e Souza pertence à escola simbolista, que historicamente começou a se manifestar entre nós, com a publicação de Canções da Decadência em 1889, de Medeiros e Albuquerque (1876-1934). Contudo a verdadeira introdução do movimento, somente se verifica em termos de autêntica expressão poético simbolista, com a publicação em 1893 (melhor fase de sua carreira) de dois livros Missal e Broquéis. Apesar de não ser bem recebido pela crítica, o poeta torna-se bastante conhecido nos meios literários e fora apelidado por Alphonsus de Guimarães como o Dante Negro.

Apesar de não ser bem recebido pela crítica, o poeta torna-se bastante conhecido nos meios literários e fora apelidado por Alphonsus de Guimarães como o Dante Negro.

João da Cruz e Souza nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis a 24 de novembro de 1861, num ambiente caracterizado pelo costume colonial das festas religiosas e tradicionais entre elas a Festa do Divino Espírito Santo e A procissão dos Passos. Desterros era uma cidade pequena, com seus poucos chafarizes e sem luz a querosene. Filho de escravos, o mestre de pedreiro Guilherme da Cruz e Carolina que foram alforriados pelo Marechal Guilherme Xavier de Souza, aristocrata catarinenses, antes de partir para a Guerra do Paraguai. João teve a sorte de poucos escravos, fora educado pelo Marechal e sua esposa D. Clarinda, como seu próprio filho. Aprendeu as primeiras letras em casa, e durante o curso primário já lia e escrevia e aos oito anos recitava versos. Em 1871, Cruz e Souza ingressa no Ateneu Provincial Catarinense, de renome nacional e tem os melhores mestres, lá aprende latim, grego, inglês e francês, destacando-se entre os melhores do colégio. É de se notar que no Brasil, Santa Catarina era e ainda é o reduto onde se concentra o maio número de alemães, e o poeta teve entre seus maiores mestres o alemão Fritz Muller, e sofrera forte influência dos filósofos germânicos, em particular Schopenhauer, da mesma maneira que o sergipano Tobias Barreto.

Dez anos mais tarde, ingressa no movimento literário da província ao lado de Virgílio Várzea, que redigem entre 1882-1889 a Tribuna Popular, de orientação republicana e abolicionista, e colabora nos jornais: Folha Popular, Novidades e Cidade do Rio, e passa a lecionar no Ateneu. Durante este ano apareceu na província várias companhias teatrais e uma destas convidou-o para fazer parte do grupo e juntos percorre todo litoral brasileiro. Este é um período em que o poeta escreve inúmeras poesias e retorna à terra natal dois anos depois, onde é nomeado promotor público de Laguna, mas fica impossibilitado de assumir o cargo aos preconceitos de alguns políticos da época. Hostilizado e desiludido o poeta vai para a casa da praia e reuni-se com o grupo Escola Nova, que contava com Araújo Figueiredo, Horácio de Carvalho, Firmino da Costa e outros. Em 1885 apareceu seu primeiro livro Tropos e Fantasias, breves narrativas, cromos e poemas em prosa, em colaboração com o amigo Virgílio Várzea, que juntos fundam o jornal O Mosquito. Este livro, fruto das novas ideias, possuía um conteúdo naturalista e parnasianista, mas nele já anunciava o simbolismo. Três anos mais tarde, viaja para o Rio de Janeiro a convite de Oscar Rosas e estabelece residência em 1890, na busca de novas esperanças fez novos amigos e inimigos, mas não se deixa levar toma parte das campanhas abolicionistas empenhada na igualdade de condições sociais do branco.

Cruz e Souza trouxe para o movimento simbolista em formação, além de qualidades invulgares de poesia, a ânsia de ascensão social e moral pela arte, única via possível de sua libertação do estigma racial. Possuídos de inspiração por vezes delirante, sobretudo pra os elementos plásticos, deu-nos uma poesia densa e de intensidade dramática, uma imagética simbolista estranha, preciosa e exotérica. Suas obras são faróis nebulosos invadindo os charcos, o esterco e as brumas, que transmite pela intensidade sensorial de sons e cores das imagens que compões sua criação, o invisível que dominou o seu espírito.

um poeta autêntico, dos maiores em língua portuguesa, e porque não dizer um dos grandes do simbolismo europeu. Missal, poesia em prosa, que até então só

Por isto é incontestavelmente um poeta autêntico, dos maiores em língua portuguesa, e porque não dizer um dos grandes do simbolismo europeu. Missal, poesia em prosa, que até então só era feita por autores europeus, como Charles Baudelaire. Este livro trazia uma linguagem inédita, mais fluída, mais cheia de matiz, um clima abstrato que fundia com o romance realista e a prosa naturalista, e por tudo isto não poderia ter recebido os aplausos da opinião acadêmica da época. O próprio título já indicava não apenas um novo estilo, mas principalmente de uma nova visão de mundo, que iria abrir um caminho completamente diferente. Os aspectos mais frequentes nesta obra são presença de circunstâncias mística, templos e atmosfera religiosa, sonoridades variadas, como também a presença de elementos luminosos, além superfícies terrenas, aspectos noturnos relacionados ao sonho e a fantasia.

Aproveitando o pequeno espaço editoria que lhe foi aberto, quase que de um único fôlego ele escreve mais um livro de poemas, Broquéis. Apesar de cada texto possuir a semelhança fisionômica do outro, cada um reflete por si um espírito próprio das sensações tão bem expressadas pelo poeta. Um dos traços constantes nesta obra é a presença marcante do branco (brancura, alvura, luminosidade, neve, neblina e outras variações), conduzindo o leitor ao universo essencialmente simbolista. Em ambas as obras, manifestam um poeta integrado de corpo e alma na estética simbolista, com seu dinamismo incessante e expressivo, a pintar as paisagens naturais das inquietações cósmicas e traduz tudo isto num mergulho dramático para equacionar seu conflito torturante. Com a perda do filho, vítima da tuberculose, a do pai e o enlouquecimento da Gavita, sua mulher, a situação agrava-se e o poeta inicia-se numa nova produção, fase das mais infelizes, são versos mergulhados no mais profundo sofrimento e desprezo do homem e tais poemas, viriam a constituir dois volumes Evocações, poemas em prosa de 1898, é a realização mais livre da sua radical extroversão. Faróis, poemas em verso de 1900, são versos que pulsam e sugere uma expressão maior, superadora do imediatismo pessoal, é na verdade um livro ilustrado misteriosamente por soluções, risos de ironia, ambos foram publicados depois de sua morte, por intervenção de amigos principalmente Nestor Vitor e possuem os mesmos estilos e temáticas.

O historiador literário José Veríssimo, não colocou o simbolismo na importância que merecia, nem deu a Cruz e Souza o merecido lugar em nossas letras e muito menos na literatura universal. Seu valor na história da poesia ocidental é descrito pelo sociólogo francês Roger Bastide num extraordinário ensaio sobre o poeta negro (A Poesia Afro Brasileira, 1943), situa-o de maneira magnífica na poesia universa, no momento em que define o Movimento Simbolista e ao lado de Stefan George o coloca juntamente com Mallarmé. Cruz e Souza é o maior poeta afro descentente, a musicalidade de seus versos, a vida árdua do poeta, humilhado e desprezado, sem ascensão muito alta, foi tentado pela sociedade da época rebaixá-lo a todo custo, era repelido pela sua raça, mas, rebaixar sua criatividade era impossível, tudo isto por ter sido na infância criado e educado por uma família aristocrata. Em dezembro de 1897 a tuberculose o persegue e em busca de melhores ares segue para o Sítio, Minas Gerais, onde morre a 19 de março do ano seguinte. Seu corpo foi enterrado no Rio de Janeiro.

Em 15 de fevereiro de 1915 morre João da Cruz e Souza, último filho do poeta, de tuberculose pulmonar, com seu pai, sua mão e seus irmãos.

1 Jornalista, professor da Faculdade São Luís de França e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

FONTE: www.literafro.com.br

Leia atentamente o texto abaixo:



Clique na figurinha e ouça ***"Cruz e Souza"***

TEXTO 2

VELHAS TRISTEZAS
Cruz e Souza

Diluências de luz, velhas tristezas
das almas que morreram para a luta!
Sois as sombras amadas de belezas
hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmúrios incógnitos de gruta
onde o Mar canta os salmos e as rudezas
de obscuras religiões — voz impoluta
de todas as titânicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,
paixões que foram já dóceis amigas,
na luz de eternos sóis glorificadas.

Alegrias de há tempos! E hoje e agora,
velhas tristezas que se vão embora
no poente da Saudade amortalhadas! ...

ATIVIDADES

1) Qual a temática do texto:
2) Identifique o uso de figuras de linguagem.
3) Identifique as características simbolistas no texto.
4) Baseando– se no texto 1:

Relacione as informações ao conteúdo do poema.

Crie um podcast com suas respostas ao exercício.

***Para mais atividades como essa acesse www.iapemi.com.br**